

XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires, 2008.

Do prazer à realidade: algumas implicações para o processo de aprendizagem.

Saj Porcacchia, Sonia y Barone, Leda Maria Codeço.

Cita:

Saj Porcacchia, Sonia y Barone, Leda Maria Codeço (2008). *Do prazer à realidade: algumas implicações para o processo de aprendizagem*. XV Jornadas de Investigación y Cuarto Encuentro de Investigadores en Psicología del Mercosur. Facultad de Psicología - Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-032/357>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/efue/twK>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

DO PRAZER À REALIDADE: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Saj Porcacchia, Sonia; Barone, Leda Maria Codeço
Centro Universitário UNIFIEO. Brasil

RESUMEN

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre algumas implicações do percurso do princípio do prazer para o da realidade, realizado pela criança, para a aprendizagem. A partir de contribuições de Freud e de Winnicott, faz algumas considerações sobre a passagem do princípio do prazer para o da realidade e propõe que o campo psicopedagógico seja comparável ao espaço potencial, capaz de sustentar a criança em seu processo de acesso ao pensamento simbólico. Propõe também que, à semelhança do objeto transicional, o uso de brinquedos, livros de história e jogos na clínica psicopedagógica permite à criança reorganizar o seu self e transpor o princípio do prazer rumo à realidade. Pretende, em especial, tecer algumas considerações a respeito da atuação terapêutica do psicopedagogo, no sentido de ajudar a criança a re-significar sua história de vida propiciando o aparecimento de uma dimensão de desejo e a capacidade de aprender.

Palabras clave

Espaço potencial Clínica psicopedagógica

ABSTRACT

FROM PLEASURE TO REALITY: SOME IMPLICATIONS
FOR LEARNING PROCESSES

This paper aims to reflect on some implications of the journey from the pleasure principle to the reality principle, undergone by the children, for learning processes. In the light of the work of Freud and Winnicott, this paper presents a discussion of the journey from the pleasure principle to the reality principle and suggests that the psychopedagogic space may be compared to the potential space, the one that is able to hold the child in the process of access to symbolic thinking. It also proposes that, similarly to the transitional object, the use of toys, books and games in the psychopedagogic clinic allows the child to rearrange his or her self and surpass the pleasure principle towards the reality principle. It aims especially to present some considerations on the therapeutic intervention of the psychopedagogue, with a view to helping the child reorganize his or her life histories and promoting the arising of a dimension of desire and ability to learn.

Key words

Potential space Psychopedagogic Clinic.

DO PRINCÍPIO DO PRAZER AO PRINCÍPIO DA REALIDADE

O caminho de acesso à realidade isto é, da passagem da experiência do mundo como caos indiferenciado, próprio do nascimento, à possibilidade de simbolizá-lo é, para o ser humano longo e tortuoso implicando uma série de etapas. Ao final, este percurso leva-o à capacidade de simbolizar a si e à realidade, outorgando-lhe o direito de assumir um lugar em sua cultura. Freud em vários escritos falou sobre este assunto e no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* propõe um modelo hipotético, ficcional, de um primitivo aparelho mental cuja atividade obedeceria a um princípio homeostático de manter-se dentro do possível sem excitação. Prossegue discutindo as conseqüências psíquicas de uma experiência de satisfação, levantando uma segunda hipótese: o acúmulo de excitação é sentido como des-

prazer, e por isso leva o organismo a repetir a experiência de satisfação que diminui então a excitação, o que é percebido como prazer. Freud enuncia aí uma corrente deste tipo, indo do desprazer ao prazer, no aparelho mental, que denomina desejo. Afirma então que só o desejo é capaz de colocar o aparelho em funcionamento.

Freud (1980), no entanto reconhece o valor ficcional de um aparelho com tal funcionamento. As agruras da realidade são muitas e iminentes: é preciso desenvolver outras formas de lidar com ela, mais objetivas e eficientes, capazes de levar avante o desejo. Freud propõe o desenvolvimento de um segundo sistema que, no lugar da satisfação imediata e alucinatória do desejo, pudesse alterar o mundo externo de maneira a poder tornar "possível chegar à percepção real do objeto de satisfação" (Freud, 1980, p. 637). Freud nos diz ainda que estes dois sistemas, o processo primário e o processo secundário são regidos por princípios diferentes: o primário, pelo princípio do prazer; e o secundário pelo da realidade. Eles são o germe daquilo que no aparelho integralmente desenvolvido descrevemos como inconsciente e pré-consciente, conclui o autor.

Freud retoma este assunto e acrescenta novos dados em seu artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, de 1911. E embora boa parte do artigo siga no mesmo diapasão do citado anteriormente, Freud também amplia sua concepção, a nosso ver, de duas maneiras principalmente. Primeiro quando discrimina quais são estes processos secundários e em seguida por chamar a atenção para a atividade que nomeia de "fantasiar".

Assim, Freud vai destacar uma série de adaptações que o aparelho mental deverá fazer para fazer frente à realidade e que se constituem como processos secundários. Posto que a realidade insista, cresce a importância dos órgãos dos sentidos e da consciência a eles ligada de maneira a abranger não apenas as qualidades de prazer e desprazer, mas as qualidades sensórias da experiência. Dessa maneira surgem a função da *atenção* que se dirige ao mundo externo e ao mesmo tempo um sistema de *notação* (memória) que guardará as marcas desta atividade da consciência. Outra adaptação importante é a substituição da repressão de idéias produtoras de desprazer, por um *juízo imparcial* sobre a veracidade destas idéias, enquanto outra função é atribuída à descarga motora. Se antes ela servia ao princípio do prazer, ela agora é empregada na modificação da realidade e se transforma em *ação*. E finalmente surge o *pensar*, ligado a resíduos verbais, dotado de características que permitem tolerar a tensão e adiar o processo de descarga.

O outro acréscimo (embora absolutamente coerente com a idéia anterior de que o pensamento é o substituto de desejo alucinatório) diz respeito à observação que Freud faz sobre a tenacidade com que nos apegamos aos nossos objetos fontes de prazer e à dificuldade de a eles renunciarmos. Assim, Freud nos diz que com o início do princípio da realidade, uma espécie de atividade de pensamento separa-se, e continua subordinada ao princípio do prazer. A esta atividade Freud dá o nome de "fantasiar", afirmando que ela tem seu começo nas "brincadeiras infantis, e posteriormente, conservada como devaneio, abandona a dependência de objetos reais" (Freud, 1911, p. 282).

DA DEPENDÊNCIA RUMO A INDEPENDÊNCIA

Parece-nos que a idéia de Freud é retomada por Winnicott a partir de outra perspectiva, ou seja, na da relação mãe-bebê ao mesmo tempo em que faz contribuição no sentido de introduzir conceitos importantes para se pensar a passagem do princípio do prazer para o da realidade. Assim, para Winnicott (1975) não existem possibilidades para uma criança avançar do princípio do prazer para o princípio da realidade sem a presença de uma mãe suficientemente boa, ou seja, uma mãe que no momento adequado, realize a função de iludir e desiludir a criança para que essa possa aceitar a realidade.

A mãe suficientemente boa é a mãe da realidade; é aquela que permite à criança a ilusão de ter criado o seio onde ela o fornece, permitindo à criança "ser-o-seio". Essa mãe vai ao encontro das necessidades do bebê e fornece a ele a ilusão da onipotência infantil, encorajando-o dessa maneira a desenvolver o seu

self (ser). Esta adaptação quase completa da mãe às necessidades do bebê lhe propicia a oportunidade de conceber que o seio faz parte dele mesmo. Essa experiência, também lhe permite viver a onipotência e o seu narcisismo dando-lhe “a ilusão de que existe uma realidade externa correspondente à sua própria capacidade de criar” (Winnicott, 1975, p. 27). Dessa maneira, a ilusão nasce do interjogo na mente da criança do que é subjetivo (quase alucinação) e do que é objetivamente percebido (realidade concreta ou realidade compartilhada).

Segundo Winnicott (1975), com o crescimento e o desenvolvimento do bebê, a mãe após possibilitar a oportunidade da ilusão, dentro do estágio de adaptação, passa gradualmente a permitir que aconteçam algumas “falhas” naturais que fazem parte do dia a dia e que ajudam o desenvolvimento do bebê de forma saudável, facilitando o processo de desilusão e de adaptação do bebê.

A “falha” materna inaugura o “princípio da realidade”, uma vez que a mãe sem sabê-lo, permite ao bebê sentir e experimentar suas próprias necessidades contribuindo para o desenvolvimento de seu sentimento de self (um self que é o eu separado da mãe). O bebê que aceita as falhas da mãe e que consegue uma boa adaptação poderá começar a formar uma concepção da realidade e até mesmo desenvolver uma capacidade de experimentar uma relação com a realidade externa, passando a ter uma maior integração e maturidade emocional.

Winnicott pensa o desenvolvimento da criança em função de estágios que inicia no de dependência absoluta, passando por um estágio de dependência relativa e finalmente um de “em direção à dependência”. Quando os dois estágios de dependência, absoluta e relativa, ocorrem de forma satisfatória, a criança pode estabelecer um sólido mundo interno, com base nas suas próprias experiências e vivências. Assim podemos dizer que essa criança conseguiu ter acesso ao princípio de realidade a partir de seu próprio princípio de prazer.

Ainda duas outras contribuições do autor são importantes para o presente trabalho: a de espaço potencial e a de objetos/fenômenos transicionais. Entende como espaço potencial aquele criado entre o bebê e sua mãe no percurso da ilusão à desilusão. Tal espaço, no qual incidem os fenômenos transicionais, se caracteriza como espaço de criação que de início permite a expressão da criatividade primária, tem sua continuidade no brincar da criança e se prolonga na capacidade criativa do adulto. Os fenômenos transicionais existem em uma área compartilhada entre o interno e o externo. Eles “representam a transição do bebê de um estado em que está fundido com a mãe para um estado em que está em relação com ela como algo externo e separado” (Winnicott, 1975, p. 30), permitindo ao bebê a passagem do princípio do prazer para o princípio da realidade. Eles auxiliam na construção da própria subjetividade do bebê, na percepção objetiva da realidade.

A CLÍNICA PSICOPEDAGÓGICA COMO ESPAÇO POTENCIAL: AGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

As dificuldades de aprendizagem, por sua complexidade e incidência, têm chamado a atenção de inúmeros profissionais envolvidos no processo educacional ao mesmo tempo em que denunciam a necessidade de ampliação do modo de concebê-las. Dessa maneira, várias propostas têm sido feitas e entre elas se destacam as que procuram na psicanálise recurso capaz de iluminar a questão e oferecer meios técnicos eficazes. Um exemplo deste tipo de proposta é oferecido por Barone (2005), quando afirma ser a aquisição da leitura e da escrita uma atividade desejante e que por isso seus distúrbios necessitam ser considerados a partir de abordagem que leve em conta, não apenas seus aspectos cognitivos e instrumentais, mas a dimensão inconsciente da aprendizagem.

Nosso trabalho situa-se dentro desta perspectiva; propomos ser o trabalho psicopedagógico iluminado e enriquecido a partir do que aprendemos com Winnicott e por isso consideramos a clínica psicopedagógica como um Espaço Transicional capaz de auxiliar o aprendiz a caminhar rumo à capacidade simbólica. Winnicott (1975) concebe a infância como um processo que se

estende da dependência à independência, como um percurso que possui três etapas: a primeira é a dependência absoluta, que corresponde ao conceito de narcisismo primário de Freud, no qual o bebê vive a ilusão da onipotência com o auxílio da função materna; e, está relacionado à mãe-ambiente / objeto subjetivamente concebido, relacionado ao momento de ser. Na segunda etapa, a dependência relativa, emergência do campo fusional com a mãe com o surgimento da mãe objeto / objeto objetivamente percebido, ou seja, a mãe-outro, ou como brincava Winnicott, a “m/other”, relacionado ao momento de “fazer”. E por último, a criança caminha rumo à independência, podendo se relacionar com o ambiente de tal modo que se pode dizer que o indivíduo e o ambiente se tornam independentes.

Porém, muitas vezes, no decorrer do desenvolvimento de uma criança surgem falhas no ambiente que a levam a permanecer paralisada em uma determinada fase de dependência absoluta ou dependência relativa impedindo que prossiga em seu processo de aprendizagem.

O trabalho psicopedagógico no espaço da brinquedoteca pode oferecer à criança a possibilidade de brincar utilizando objetos diversos - brinquedos, livros de história, jogos - para neles e com eles ser criativa e estabelecer uma ponte entre o mundo interno e o mundo externo, constituindo assim a matriz da experiência de *self* que se estende por toda vida. E, como diria Winnicott (1975, p. 147), possibilitar a existência de um viver criativo, uma vez que “o brincar conduz naturalmente a experiência cultural e, na verdade, constitui seu fundamento”.

A sessão psicopedagógica na brinquedoteca como um Espaço Transicional, espaço de jogo e da criatividade através do uso e experimentação de diversos objetos existentes nesse espaço, permite que a criança reorganize o seu *self*, re-signifique seus traumas e re-elabore suas perdas.

Naturalmente que esta possibilidade só se efetivará com a presença e sustentação oferecida pelo psicopedagogo que estabelecendo relação de confiança com a criança, ora se oferecendo para o uso e ora se recolhendo, facilita-lhe a passagem da dependência para a autonomia, e, dessa maneira levando-a a criar sua própria aventura de aprender. Tal idéia parece-nos ir ao encontro do pensamento de Winnicott quando salienta a importância da presença do terapeuta:

A criança está brincando agora com base na suposição de que a pessoa a quem ama e que, portanto, é digna de confiança, e lhe dá segurança, está disponível e permanece disponível quando é lembrada, após ter sido esquecida. Essa pessoa é sentida como se refletisse de volta o que acontece no brincar. (Winnicott, 1975, p.71)

Com Winnicott (1975:161), podemos pensar que a função do terapeuta é “devolver ao paciente, a longo prazo, aquilo que o paciente traz”. E se o terapeuta:

[...] o fizer de forma suficientemente bem, o paciente descobrirá seu próprio eu (*self*) e será capaz de existir e sentir-se real. Sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (*self*) para o qual retirar-se, para relaxamento. (Winnicott, 1975, p.161)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARONE, L.M.C. De ler o desejo ao desejo de ler. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- FREUD, S. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911). Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- FREUD, S. A interpretação dos sonhos (1900). Em Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- WINNICOTT, D.W. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Tradução de Irineo Constantino Schuch Ortiz. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- WINNICOTT, D.W. O brincar e a realidade. Tradução de Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.